

Em jeito de Editorial...

Temos um NotICEAs em cheio!

Para além das habituais notícias com o que se passou e com o que aí vem em termos das actividades do ICEA, há uma pequena entrevista com António Carlos Serra sobre o Plano de Actividades do ICEA para o próximo ano e temos a honra de ter a participação dos nossos amigos da Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras (ADDPCTV). Consideramos fundamental a troca de experiências e de conhecimentos com organizações de características semelhantes ao do ICEA e esta participação enquadra-se perfeitamente neste espírito com a particularidade de se tratar de uma associação de um concelho vizinho.

De facto, a ADDPCTV tem vindo a desenvolver um trabalho muito meritório na defesa do património de Torres Vedras, nomeadamente sobre as Linhas de Torres cuja face mais visível é a publicação de crónicas no jornal Badaladas, sobre as Invasões Francesas e o seu impacto na região. São essas crónicas que o NotICEAs vai começar a publicar a partir deste número e que, de alguma forma, vêm dar continuidade ao nosso Curso de Verão.

Uma palavra de agradecimento ao Dr. Joaquim Moedas Duarte, elemento da direcção da ADDPCTV, pela disponibilidade imediata manifestada perante o nosso pedido para publicarmos as crónicas. Esperemos que este seja o primeiro passo para um estreitamento de relações entre as nossas instituições.

É ou não verdade que é um NotICEAs em cheio?

Comemorações do Dia Nacional do Mar, na Ericeira

Decorreu no passado dia 25 de Outubro, no auditório da Casa da Cultura Jaime Lobo e Silva, a sessão comemorativa do Dia Nacional do Mar. Foram palestrantes o nosso associado Alm. José Bastos Saldanha, presidente da Sessão dos Oceanos da Sociedade de Geografia de Lisboa, nossa “parceira” nesta iniciativa e o Cte. Paulo Neves Coelho que abordou o tema da extensão da Plataforma Continental.

Sessão muito interessante, pena foi a reduzida assistência.

Duas notas: a excelente comunicação do Cte. Neves Coelho está disponível no nosso site e as palavras introdutórias do nosso Presidente José de Freitas foram muito apreciadas a merecerem também publicação.



O Alm. Bastos Saldanha, em representação do Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e o Dr. José de Freitas, Presidente do ICEA



O Alm. Bastos Saldanha, o Cor. José Ferreira Durão, moderador do debate e o Cte. Neves Coelho

A PROPÓSITO DAS COMEMORAÇÕES DO DIA DO MAR

por *José de Freitas*

«A pensar nesta sessão cultural conjunta com a Sociedade de Geografia de Lisboa, lembrei-me de dois títulos de livros, recentemente publicados, e de alguns conceitos de matemática...

Assumo que sou um “marginal da sociedade” pois tenho estes dois “defeitos”: gosto de livros e dessa coisa chamada matemática.

Que ligações afinal me ocorreram?

Vejo o conjunto da sociedade cada vez mais dividido em dois subconjuntos: os que não fazem qualquer esforço de âmbito cultural (está tudo na Internet afirmam muitos!) e os que têm uma permanente necessidade de estudar perceber e saber (e também frequentam as sessões culturais do ICEA!).,.

Relativamente aos primeiros adequa-se o título irónico, que a realidade infelizmente tende a confirmar: “Ler é maçada. Estudar é nada” (Artur Anselmo).

Relativamente aos segundos temos um título verdadeiramente poético/matemático: “O meu único infinito é a curiosidade” (Miguel Veiga).

Quando o matemático George Cantor (1845-1918) desenvolveu a teoria dos conjuntos, até torná-la uma ferramenta importante, e

demonstrou que existem infinitos maiores do que outros, não imaginou, com certeza, a possibilidade de alguém utilizar o conceito de infinito para descrever um verdadeiro “estado de alma”.

A procura permanente do saber: o infinito maior do Homem.

Hoje os agentes científicos, educativos, sociais, políticos e também mediáticos (será que merecemos a televisão que temos!?) têm regras e objectivos difíceis de conciliar mas numa coisa parecem convergir: a sua indiferença relativamente a problemas culturais. O nosso Futuro.

Se quisermos ter um futuro “saudável” não podemos continuar a sobrevalorizar apenas interesses materiais e efémeras falsas imagens de progresso.

As autarquias poderiam ter um papel muito importante no desenvolvimento cultural do nosso país. Quererão assumi-lo?

Sessões como esta não podem suprir falhas estruturais da nossa sociedade, nem têm essa ambição, mas são com certeza um contributo para a divulgação e discussão pública de temas de reconhecido interesse.»

As Tertulceas

Tal como tínhamos referido no último NotICEAs, o ICEA vai dar início às suas TERTULICEAS. É já no próximo dia 7 de Novembro que, no restaurante Onda dos Navegantes, no largo dos Navegantes, vamos ter o prazer de ouvir Américo Guerreiro, um dos grandes nomes da nossa publicidade, falar sobre “E quando a Publicidade não vende?”. O perfil do orador e a informalidade pretendida são garantias de uma noite bem passada.

Pode-se inscrever, até ao dia 5 de Novembro, contactando a D. Noémia Barros (tel: 919658083/261862305) ou a OVNI, no Jogo da Bola (tel: 261863667) ou através do email ica@sapo.pt.

O preço é 15,00€, por pessoa, incluindo, obviamente o jantar...

Não falte.

À conversa com António Carlos Serra

O ICEA não pára. Já há um esboço do Programa de Actividades para o próximo ano e nada melhor que conversar com António Carlos Serra, o Vice-Presidente Executivo do ICEA para conhecer as novidades...

NotICEAs - O ICEA vai para o seu sexto ano de actividade... que podemos esperar para 2009?

António Carlos (AC) - O Programa de Actividades ainda não é definitivo, mas, em termos da sua estrutura não é muito diferente do que tem sido a nossa actividade nos últimos anos. Privilegiamos a comemoração de algumas datas e, a partir daí desenvolvemos as sessões.

NotICEAs - E em 2009 o que há para comemorar?

AC - Certamente muito mais do que aquilo que vamos comemorar... Mas há dois acontecimentos a que vamos dar particular destaque: os 330 anos da fundação da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira...

NotICEAs - Uma das instituições com quem o ICEA tem protocolo...

AC - É verdade. E esse aspecto é muito importante para nós. A SCME é uma das principais instituições da Ericeira e não podíamos deixar de nos associar a esta comemoração. Pensamos realizar duas sessões; uma mais dedicada ao passado, à História das Misericórdias e outra mais vocacionada para o futuro, para os novos desafios da solidariedade social.

NotICEAs - E qual é o segundo acontecimento a merecer comemoração?

AC - São os 830 anos da Bula Manifestis Probatum. Numa época em que se discute a independência do Kosovo, em que tanto se fala sobre a Ossétia, a Geórgia e outros, pareceu-nos interessante, a partir do documento fundador de Portugal, discutir a construção das nações e o Direito Internacional.

NotICEAs - E em relação ao Curso de Verão... qual será o tema?

AC - Em princípio, vamos abordar a Monarquia Constitucional e a República.

NotICEAs - Aproximam-se os 100 anos da implantação da República...

AC - Exactamente. E a Ericeira, como local da partida da Família Real para o exílio, acabou por assumir um papel muito importante neste capítulo da História de Portugal.

NotICEAs - Mais novidades?

AC - Há mais novidades mas vou deixá-las para a Assembleia-Geral que, como habitualmente, se realiza em Janeiro e onde fazemos a apresentação do Plano de Actividades. Pode ser que mais associados, movidos pela curiosidade, participem na reunião. O empenho de todos é fundamental para o sucesso do nosso ICEA.

Colaboração da ADDPCTV

A Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras *tem procurado pôr em prática uma das suas orientações de trabalho: congregar vontades para a preservação e conhecimento do nosso património histórico.*

De 2007 a 2010 comemoram-se os duzentos anos das invasões francesas. É um acontecimento histórico muito referido mas talvez pouco conhecido e no qual a região Oeste teve um papel importante. A esta Associação, bem como a outras que prossigam objectivos convergentes, caberá dar um contributo significativo para o melhor conhecimento deste período tão marcante da nossa História.

Nesta perspectiva acolhemos com muito agrado a possibilidade de colaborar com o ICEA na divulgação de factos históricos relativos às invasões francesas pondo à disposição deste Instituto todos os textos já publicados no jornal Badaladas e divulgados no blogue <http://linhasdetorres.blogspot.com/>.

E desde já fica aberto o campo para outras iniciativas e novas formas de cooperação.

I - GUERRA PENINSULAR

Carlos Guardado da Silva *

Comemorando-se o bicentenário da «Guerra Peninsular», os historiadores reflectem sobre este conflito que teve uma dimensão internacional, e que se desenvolveu no contexto das «Guerras Napoleónicas», protagonizadas por França e Inglaterra, as maiores potências, em finais do século XVIII e inícios do século XIX. Dentro da estratégia hegemónica de Napoleão Bonaparte, o domínio da Península Ibérica era fundamental para travar o forte poder marítimo inglês no Atlântico, assim como nos portos comerciais do Mediterrâneo. Pois quem dominava economicamente, tinha igualmente a supremacia política na Europa.

O período (1807-1814) acabou por ser conhecido por três designações: «Guerra Peninsular», a mais generalizada, sobretudo no mundo anglo-saxónico, mas também em Portugal; «Guerra de la Independencia», em Espanha; e «Invasões Francesas» (em número de três ou quatro, se considerarmos, neste caso, a Guerra das Laranjas, em 1801) ou Napoleónicas, denominação aquela muito utilizada em Portugal, esta institucionalizada na Nova História Militar de Portugal. Deste modo, a denominação inglesa e portuguesa de «Guerra Peninsular» tem sobretudo em conta a realidade geográfica do conflito, sublinhando o apoio fundamental do exército inglês chefiado por Arthur Wellesley, mais tarde duque de Wellington, para a vitória, quer em Portugal, quer em Espanha.

Todavia, a historiografia espanhola tem preferido designar o conflito por «Guerra de la Independencia», denominação coeva dos acontecimentos. De certo modo, ao preferir esta designação, a historiografia liberal espanhola deu-lhe um conteúdo romântico, sobrevalorizando a luta do povo espanhol contra o exército invasor de Napoleão, que procurava retirar àquele a independência do território e da sua pátria. Mas também é verdade que José Bonaparte, irmão mais velho de Napoleão, após as abdições de Baiona, assumiu o trono em Espanha (1808-1813), pondo fim à sua independência, através de uma farsa aparentemente legal de transferência do poder, impondo uma dinastia francesa.



Mais a Norte, dado o desenvolvimento da consciência nacional da Catalunha, já no século XX, institucionalizou-se a denominação popular de «Guerra del Francés» face à «Guerra de la Independencia», permitindo distinguir com grande clareza a diversidade de conflitos que coexistiam então.

Geograficamente, a Guerra Peninsular abrangeu toda a Península Ibérica, França com os seus aliados e vassallos, e Inglaterra. Mas este conflito teve uma dimensão europeia e atlântica, enquanto parte das Guerras Napoleónicas, travadas sobretudo entre França e Grã-Bretanha pela hegemonia no continente europeu.

Assim, as designações «Guerras Napoleónicas», «Guerra Peninsular» e «Guerra de la Independencia» ou «Invasões Francesas» expressam diferentes dimensões do conflito - europeia, peninsular e nacional - que, apesar das características comuns, teve processos distintos em Portugal e em Espanha. Foi uma guerra que uniu Inglaterra e os até então (2 de Maio de 1808) inimigos - Portugal e Espanha - contra França. Todavia, a comumente designada 1.ª Invasão de Portugal (1807) foi uma invasão franco-espanhola, como se tratou, em 1801, de uma invasão espanhola, conduzida por Manuel Godoy, ainda que integrada no contexto recuado da Guerra Peninsular.

* Director do Arquivo Municipal de Torres Vedras

II - NAPOLEÃO

*José Travanca Rodrigues **

Um grande destino começa, um grande destino acaba (Corneille)

Chateaubriand nas suas “memórias”, reflectindo sobre a cena internacional de que foi testemunha activa, diz que no fim do século XVIII, “o mundo assiste a uma mudança profunda: o homem do século que expirava sai de cena; o homem do novo século a ela sobe; Washington, no fim da sua vida, cede o lugar a Napoleão”.

São dois “prodígios” que personificam a mudança.

Washington, pioneiro e cabeça da revolução que conduziu um novo país à emancipação política, momento inaugural em que um território colonial se erguia e se construía como entidade independente. O ano libertador de 1776 merece aqui ser recordado e o triunfo da revolução consolidada em 1783, quando os Estados Unidos da América obtêm o seu reconhecimento, a Constituição, que modela o novo estado, são os feitos maiores da carreira do prodígio norte-americano.

Do lado de cá, na Europa, a França na mudança de século assistia à irrupção de outro prodígio - Napoleão Bonaparte.

Quando começa o novo século, todas as ambições lhe são possíveis. Tem, ao virar dessa página do tempo, 31 anos. Nasceu em 1769, na Córsega, meio italiano, meio francês. Carreira militar meteórica - general em 1793 - participou activamente nas vicissitudes da grande revolução iniciada na França em 1789. A carreira de Napoleão acompanhou os espasmos políticos que dilaceraram a França nesses anos. Sagaz e maleável, sabendo colher as oportunidades, passou praticamente incólume a tempestade da Convenção (chegou a ser preso por amigo dos jacobinos em 1794), soube adaptar-se em crescendo aos novos tempos, muito próprios afinal aos seus projectos. Dois anos bastaram para chegar à fama europeia: em 1796, consumadas as suas primeiras vitórias militares em terras italianas, proclamava: “Povos de Itália! O exército francês vem quebrar as vossas grilhetas. O povo francês é o amigo de todos os povos. Para nunca mais os tiranos que vos têm subjogado!”

* *Professor*



São destas as tintas políticas de um génio da guerra que se cobre o manto “libertador” de Napoleão. Doravante, ele torna-se o pesadelo das velhas monarquias europeias. Pela Europa, muitos vêem-no como a personificação do Anti-Cristo. Naqueles reinos ainda absolutistas, socialmente de matriz feudal, Napoleão passa a ser visto como o portador temido da “desordem”, do “caos”, da “impiedade”, enfim.

Internamente, a carreira de Napoleão foi fulgurante: o caminho para consumir o poder despótico percorreu-o em meia dúzia de anos. Em 1802, desembaraçado de aliados menores, torna-se cônsul vitalício, para em 1804, se glorificar imperador dos Franceses, no cenário conciliador de Notre Dame de Paris, com a caução do Papa Pio VII, testemunha conveniente do quadro que David imortalizou em pintura.

Depois das turbulências do processo revolucionário, a figura de Napoleão emergia como a de um tipo novo de líder político. Incorporando certos conceitos e ideias liberais, atraía largas franjas da burguesia e boa parte até da aristocracia se lhe rendia. Muitas desconfianças se desvaneciam para quem via no imperador o instrumento da normalização e da afirmação da França no quadro europeu.

Pág. V